



A insurgência de experiências emocionais e sentimentais na narrativa de Conceição Evaristo: entre o drama e a poesia

Insurgency of emotional and sentimental experiences in Conceição Evaristo's narrative: between drama and poetry

Elisangela da Silva Santos¹
Renata de Mello Mamede²

RESUMO

Esse artigo busca analisar as estruturas sentimentais e emocionais em quatro contos de Conceição Evaristo. Observamos que a maior parte destes são desencadeados de relações de gênero, racismo e pobreza. A autora revela a amplitude do horizonte humano, ao tematizar personagens que foram excluídas do mundo das letras, ou retratadas de forma pejorativa.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo. Emoções. Sentimentos. Gênero. Relações Raciais.

ABSTRACT

This article aims to analyze sentimental and emotional structures in four short stories by Conceição Evaristo. We observe that most of these are triggered by gender relations, racism and poverty. The author reveals the breadth of the human horizon, when she contextualizes characters that have been excluded from the world of letters, or portrayed in a pejorative way.

KEYWORDS: Conceição Evaristo. Emotions. Feelings. Genre. Race Relations.

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Unesp/Marília). Profa. de Sociologia e Fundamentos da Universidade Federal de Jataí. Líder do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq: Interfaces Literárias: arte e gênero nas produções poéticas. E-mail elisangelasilva@utg.br.

² Graduanda de Psicologia da Universidade Federal de Jataí. Faz parte do Coletivo Feminista Jacarandá, do projeto de pesquisa e extensão "Promotoras Legais Populares Libertárias" de Jataí e é integrante do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq Interfaces literatura: arte e gênero nas produções poéticas. E-mail: renatammamede@hotmail.com.

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (Antonio Candido).

Maria da Conceição Evaristo de Brito (1946-) é uma premiada escritora negra mineira, homenageada como Personalidade Literária do Ano pelo Prêmio Jabuti 2019 e vencedora do Prêmio Jabuti 2015. A poeta, romancista e contista, nos traz, de forma literária e acessível, histórias de mulheres negras que resistem ao machismo e racismo estrutural que perpassam suas vidas. Ao contrário de muitos escritores brasileiros que inibem um aprofundamento psicológico das personagens negras, com concepções marcadamente estereotipadas, em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, de 2011, Evaristo escuta as vozes de 13 mulheres protagonistas de suas histórias, que são compartilhadas com muita sororidade e afeto. Cada conto possui como título o nome de cada mulher entrevistada no imaginário da autora. Essas mulheres negras, em sua maioria mães, resistiram à inúmeras violências cotidianas e encontraram formas de resistir e de encontrar amor em espaços não tradicionais.

Assim como *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), *Olhos d'água* (2018), (publicado pela primeira vez em formato de livro em 2014, e traz textos publicados anteriormente nos Cadernos Negros³) nos mostra personagens negras, que vivem na periferia e enfrentam suas dificuldades cotidianas em uma constante elaboração de estratégias para lidar com sua dor: instaurada em suas vidas pelo local social em que ocupam. A relação entre raça, gênero e classe é posta em relevo em cada história narrada, em cada sofrimento vivido, e em cada luta para a sobrevivência. As personagens buscam formas de encontrar alegria dentro de seus destinados espaços: desprivilegiados, marginais e violentos. As mulheres, "[...] elas, que sempre inventavam formas de enfrentar e vencer a dor" (Evaristo, 2016 p.112) em suas "maneiras de sangrar" (Evaristo, 2016 p.108), buscam formas de esvaziar uma dor crescente em busca de uma alegria momentânea ou um cessar de sofrimento.

³ Cadernos Negros consiste em uma edição coletiva anual de contos e poemas, publicados sem interrupção desde 1978. Evaristo estreou seus contos na série em 1982.

Em *Olhos d'água* (2018), diferentemente de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), homens também se assumem como protagonistas dos contos. Estes encontram desafios que transparecem a vulnerabilidade e a sensibilidade humana: neles, homens que se prestam fortes e destemidos na frente de seus iguais, compartilham espaços com mulheres nos quais podem chorar, como no conto “Ana Davenga”; meninos que, por mais que morem na rua e tentam esconder seus profundos sentimentos, não conseguem controlar esfíncter urinário, como a personagem apelidada de Di Lixão. Homens que por não verbalizarem e não terem espaço para conversar sobre seus sentimentos, acabam sendo afogados por suas “próprias águas”: por suas lágrimas e pelo ódio que sentiam de suas vidas. Além disso, as únicas personagens que se suicidam nesta obra são homens, o que se relaciona com o acúmulo de sentimentos não verbalizados que se manifestam no corpo, ou no fim dele.

Esse artigo busca analisar os sentimentos e as emoções retratadas nos contos “Os amores de Kimbá”, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” de *Olhos d'água* (2018) e “Aramides Florença” e “Regina Anastácia” de *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016). Sentimentos e emoções serão vistos aqui como fruto da inserção do indivíduo em seu ambiente, as questões suscitadas nos contos são relativas também à subjetividade do indivíduo, são reveladoras de seus desejos, sonhos, fantasias e utopias, sem perder a dimensão social e étnica dessas personagens já que os sentimentos e as emoções aqui enfocadas serão compreendidos como também relacionados a fatores e contextos sociais das pessoas.

Raymond Williams (2011), conceitua a consciência prática como uma interconexão com sentimentos que, uma vez rearticulados, se confundem com experiências, que representam a mais sábia palavra. Os sentimentos, para o autor, nos mostram o sentido processual da experiência social e a consciência da prática em movimento. Segundo Williams (1979), a estrutura de sentimento pode ser considerada uma “hipótese cultural” derivada na prática da tentativa de compreender elementos especificamente afetivos da consciência e das relações, e não de sentimentos em contraposição a pensamento, mas de pensamento tal como é sentido, e de sentimento tal como é pensado.

“[...] é uma qualidade particular da experiência social e das relações sociais, historicamente diferente de outras qualidades particulares, que dá senso de uma geração ou de um período”. (Williams, 1979, p. 134).

Reconhecer essas experiências, segundo o autor, significa compreender que elas possuem um caráter social e não apenas pessoal; também se tratam de experiências pré-emergentes, elas estão em curso, não tomaram forma fixa, não se institucionalizaram, mesmo assim, exercem influência.

Uma análise que leva em conta a estrutura de sentimentos e se relaciona com experiências são incapazes de serem estritamente definidas e burocratizadas, por isso tornam-se capazes de “driblar” a hegemonia. As estruturas de sentimento, portanto, possuem potência para legitimar e significar as alteridades da ordem estabelecida.

A cara noção de “estruturas de sentimentos” possibilita ao teórico alcançar, como insisto em dizer, as manifestações emergentes, até mesmo pré-emergentes, de resistência e oposição às práticas e às ideologias hegemônicas na ordem social existente, que não existem somente como fluxos, ainda que germinais. [...] Raymond Williams defende a noção de “especificidade empírica histórica”, sabendo que a estrutura é sempre a do sentimento real ligado à especificidade da experiência coletiva histórica e de seus efeitos reais nas pessoas e nos grupos. (MIGLIEVICH, 2016, p. 6).

Deste modo, conforme nossa hipótese, os contos analisados nos trazem emoções e sentimentos pertencentes a uma grande parcela da população brasileira que raramente foram tratadas deste modo na nossa literatura. Eduardo Duarte (2006) ressalta que a narrativa de Conceição Evaristo filia-se ao chamado veio afrodescendente que mescla história não oficial, memória individual e coletiva, como invenção literária. Duarte (2005) também aponta que a literatura negra “reverte valores” e estabelece uma “nova ordem” simbólica oposta aos sentidos hegemônicos, além de emergir um “eu enunciador”.

Conceição Evaristo (2009) defende a existência de uma literatura afro-brasileira no Brasil, cuja produção é “[...] marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira.” (p.17) Para a autora, a literatura,

importante espaço para produção e reprodução de simbólica de sentidos, muito retratou a mulher negra por meio de estereótipos ancorados em seu passado escravocrata como corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do senhor. A autora enfatiza a importância de mulheres negras exercerem a escrita sobre si mesmas, ao se auto definirem em uma sociedade que a objetifica e inferioriza.

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005 p. 6).

A arte se apresenta, portanto, como uma poderosa arma para mudança e de luta contra o racismo. Para o sociólogo literário Antonio Candido:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção de mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2006, p.6).

Ao se utilizar da forma conto, Evaristo nos apresenta um modo moderno de narrar, e através de um mosaico de histórias conseguimos observar os sentimentos, os valores e as sensações que cada uma das personagens consegue explicitar. É por meio dos estados emocionais que os sentimentos das personagens são desencadeados. Como apontou Massaud Moisés (2007), o conto traz intensidade e densidade, e por decorrer, via de regra, num espaço circunscrito de tempo, condensa, por meio de um microscópio, aspectos apresentados “pelo real”, como se na verdade, ele fosse um minúsculo espelho em que se refletisse uma legião de minúcias dramáticas psicológicas.

As personagens dos contos analisados muitas vezes foram excluídas do mundo das letras, ou retratadas de forma pejorativa: a mulher que cria sozinha seu filho, como é o caso de Aramides Florença; a figura da mulher negra não tratada de forma sexualizada e objetificada, como é o caso de Regina Anastácia; o

jovem negro que experiencia sua sexualidade, e por fim, a criança favelada que se envaidece com o único brinquedo colorido e cheiroso que tem. São dessas personagens que a autora realiza uma interação entre escritura e experiência para destacar a humanidade presente em seus sentimentos e suas emoções, demonstrando a amplitude do horizonte humano.

Nesse sentido, para a apresentação do nosso principal argumento, que envolve essas “minúcias psicológicas”, através dos sentimentos descritos nas narrativas, dividimos o texto do seguinte modo: na primeira parte do texto trabalhamos com as análises das intelectuais negras Lélia Gonzalez (1984/1988) e Virgínia Leone Bicudo (2010), justificamos os usos dessas autoras durante o texto porque ambas, apesar de terem realizado análises anteriores ao contexto das obras de Evaristo, forjaram importantes conceitos advindo de análises teóricas e empíricas sobre a realidade de exclusão de indivíduos negros, que são pouco ressaltadas na análise psicológica e sociológica contemporâneas, mas que na nossa leitura são cada vez mais relevantes e respondem a diversos dilemas presentes nos contos.

No segundo momento analisamos os sentimentos e emoções mais recorrentes no conto “Os amores de Kimbá”, onde observamos como a questão do amor, da vergonha, do desejo e da revolta perpassam o texto e se aprofundam conforme as vivências e experiências da personagem principal.

No terceiro momento analisamos o conto “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, onde percebemos uma reflexão sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira, também traz como marca a condição da criança negra, já que como apontou Mary Del Priore (2013), a história das mulheres não é só delas, é também a da família, das crianças da literatura, do seu corpo, da sua sexualidade e da violência que sofreram e praticaram.

No quarto momento analisamos o conto intitulado “Aramides Florença”, que principalmente aborda a violência doméstica sofrida pela mulher, que ao tornar-se mãe, vê uma mudança de comportamento de seu companheiro, mas o conto também narra a emoção e a felicidade de uma mãe fortalecida. Por fim, analisamos o conto “Regina Anastácia”, que marca uma quebra na maneira estereotipada de enxergar a mulher negra que se relaciona com o homem branco, e rompe com o

enredo marcado por sentimentos e emoções tristes, dando espaço à satisfação de viver.

Alguns aspectos do racismo no Brasil pela lente de mulheres teóricas negras:

Ambos os livros retratam uma grande gama de sentimentos referidos aos personagens. Os mais de 30 diferentes tipos de sentimentos nos remetem ao aprofundamento psicológico das personagens e a uma humanização destes. Em *Olhos d'água* (2018) os sentimentos mais aparentes foram “dor” (49) “amor” (40), “felicidade” (27), “medo” (17), “vergonha” (16), “coragem” (16), além de palavras compostas como “buraco-saudade”, coragemedo (2) e mar-amor (4). Em *Insubmissas Lágrimas de mulheres* (2016) “dor” (47), “desejo” (41), “felicidade” (27), “amor” (21) e “vergonha” (13) foram recorrentes. Antes, é importante nos debruçarmos em uma breve história do racismo no Brasil e como ele nos afeta até a atualidade por meio da ideologia do branqueamento.

A categoria raça é um constructo social que chegou ao Brasil através de seu processo de colonização e escravização de corpos não brancos. Durante séculos, o corpo negro foi violado em sua integridade física e psíquica, marginalizado e interdito de seu espaço individual e coletivo por conta de artimanhas racistas, desumanizadoras, exploratórias e separatistas. Esse processo ideológico dominante colocou aos brasileiros com descendência africana o papel de inventar formas de resistências para a manutenção de sua sobrevivência. (Evaristo, 2009).

O pós-colonial conceito de Amefricanidade, cunhado por Lélia Gonzalez na década de 1980, busca recuperar as histórias de resistência de povos negros e indígenas na América, diante de uma extrema e sagaz violência desferida pela colonialidade. Para a socióloga, militante e feminista negra, o inconsciente brasileiro foi formado a partir de uma perspectiva eurocêntrica. A ideologia do branqueamento é reproduzida e divulgada por diferentes meios de comunicação e reforça a ideia de que crenças e valores do ocidente são verdadeiros e universais (GONZALEZ, 1984).

O termo Amefricanidade, portanto, é uma ferramenta que induz ao reconhecimento de uma dinâmica cultural própria “[...] que não nos leva para o

lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: amefricanos" (GONZALEZ, 1988, p.79). O termo torna-se, portanto, uma negação ao processo de apagamento da história negra e concomitante manutenção dessa dominadora ideologia.

A ideologia do branqueamento pode ser exemplificada quando negros e indígenas são induzidos a pensar que são naturalmente inferiores. "Em face da resistência dos colonizados, a violência assumirá novos contornos, mais sofisticados; chegando, às vezes, a não parecer violência, mas verdadeira superioridade". (GONZALEZ, 1988, p. 71). Lélia Gonzalez considera o racismo brasileiro disfarçado por mascarar sua crueldade, e, por consequência, dificultar seu combate. Para a autora, este perpetua seu legado através da romantização da miscigenação, indução da assimilação e da crença na democracia racial.

Virgínia Leone Bicudo (2010), negra e primeira mulher a escrever uma tese sobre relações raciais no Brasil, em 1945, intitulada *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*, foi impulsionada a estudar sobre o tema para descobrir as causas de sua dor. Ela elegeu relatos de pais e alunos de escolas públicas residentes em quatro bairros populares da cidade de São Paulo (Bela Vista, Santana, Barra Funda e Mooca). As entrevistas foram feitas com familiares que frequentavam a Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Também utilizou o *Jornal da Frente Negra Brasileira, Voz da Raça*.

Bicudo quebrou a noção de harmonia racial e preconceito de classe propagada pela sociologia brasileira da época, constatando em sua tese a existência da discriminação "de cor"; buscou identificar, através de análise de documentos e entrevistas de "pretos e mulatos" em diferentes camadas sociais, a forma em que pessoas negras concebem a si próprios a maneira que essa percepção permeia suas relações afetivas. A psicanalista observou a existência da consciência de exclusão expressada por vários entrevistados "sou doente e sei, portanto, onde me dói" (BICUDO, 2010 p. 76) e, muitas vezes, uma reprodução dessa discriminação "[...] preto é uma raça totalmente inferior: não vale nada" (BICUDO, 2010 p.95).

Virgínia Bicudo associou a cor como variável na produção de desigualdades sociais. Ela estabeleceu relações entre o processo de branqueamento com uma

busca por uma maior aceitação social "[...] gostaria de ser branca, mas que fazer..."(BICUDO, 2010 p.69), um sentimento muito recorrente nas entrevistas e depoimentos que a autora colheu para realizar seus estudos. Esse processo no qual a autora cita, se relaciona diretamente ao que Lélia se referiu como assimilação, ou seja, a introdução do negro na ideologia do branqueamento e os muitos desdobramentos desse processo.

Uma das consequências da ideologia do branqueamento é uma classificação eurocêntrica da cultura negra; minimizando-a um folclore nacional fetichizado, induzindo a uma dissociação de seu papel político e revolucionário. Justamente por isso, ela tem potencial para se transformar em uma poderosa arma no combate ao racismo: "a força do cultural apresenta-se como a melhor forma de resistência" (GONZALEZ, 1984, p.74).

Conceição Evaristo dialoga diretamente com o conceito de amefricanidade definido por Lélia, ao tornar material o processo de autodeterminação de mulheres e homens negros, "que nos encaminha no sentido da construção de toda uma identidade étnica" (Gonzalez, 1984 p.76). Como diria a própria autora:

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um corpo mulher negra em vivência e que, por esse ser o meu corpo e não o outro, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimentaria. As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. (Evaristo, 2009 p.18).

Na nossa percepção, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez e Virgínia Bicudo se unem no processo de romper com concepções racistas e estereotipadas sobre o corpo negro, a partir da área de interesse de cada uma, trazendo reflexões que problematizam o social e suas consequências na psique humana, ao invés de culpabilizar o indivíduo pela situação social na qual está inserido. Esse processo de conscientização torna-se de extrema importância em um contexto capitalista em que as ideias de meritocracia, individualismo e ideologia do branqueamento são

enaltecidos. Elas nos ensinam formas de resistência, nos levando além do que os mitos nos mostram.

A seguir, realizaremos uma análise dos sentimentos mais frequentes trazidos nos quatro contos.

Os amores de Kimbá:

Olhos d'água, como apontou Heloísa Toller Gomes (2018), ao prefaciar a obra, não há sentimentalismos facilitadores, mas sempre “incorporando a tessitura poética à ficção”, os contos de Conceição Evaristo apresentam uma significativa galeria de mulheres e de homens, filhas, avós, amantes, todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira. Segundo a autora, apesar de diversos desafios enfrentados, a positividade textual prevalece, e pode nos auxiliar na percepção do como os significados dos valores desses indivíduos são sentidos e vivenciados ativamente.

A narrativa do conto *Os amores de Kimbá* é marcada pela mistura de sentimentos e emoções, principalmente pela disputa entre amor, desejo e vergonha, além do intenso ódio do personagem, dirigida à sua família e origem.

Olhando e sentindo o dia, Kimbá por um instante teve o desejo de deitar novamente. Era preciso, entretanto, movimentar a vida até à morte. Esse pensamento foi acompanhado de um movimento tão brusco, que o eco de seus gestos agrediu o sono de quem dormia no quarto ao lado, vizinho ao seu. Vó Lidumira, a velha sentinela, que, durante toda a noite, aflitivamente murmurou rezas, tossiu seco e pigarreou uma ave-maria. As duas irmãs de Kimbá, que igualmente ali dormiam, semidespertadas pelo acordar do rapaz, disputaram mais uma vez o único travesseiro, em que juntas aninhavam a cabeça. Sua mãe e suas tias, também contaminadas pelo movimentar do moço, lá do outro lado da parede, estremeceram, cada uma por sua vez, mas como se tivessem sido atravessadas por uma mesma e fina lâmina de aço, da cabeça aos pés. (EVARISTO, 2018, p. 94).

Um dos primeiros elementos trazidos sobre a vida da personagem Kimbá, articula seu cedo despertar ao alívio, por perceber que não haverá chuva na favela. No primeiro parágrafo, já é possível perceber seu desgosto pelo local em que reside: “Um dia ensolarado prometia acontecer. Sentiu-se mais aliviado. Detestava chuva. Chuva na favela era um inferno. O barro e a bosta se confundiam.” (p.95) O “detestar” da personagem é explorado ao decorrer da narrativa, percebe-se que Kimbá, homem negro e pobre, nutre um sentimento que se associa ao desgosto e ódio, por vários aspectos de sua realidade que o lembram da sua imposta posição de inferioridade. Isso o impulsiona a buscar formas de diluir sua dor.

Kimbá desceu um por um os degraus da escadaria da ladeira. Cá embaixo sentiu *dor* e *alívio*. Tinha conseguido sair do barraco. Deixar tudo para trás. Todos os dias pensava que não conseguiria. Detestava a pobreza, a falta de conforto, a fossa exalando o cheiro de merda. Detestava o rosto lavado lá fora no tanque, o café no copo vazio que antes fora de geléia de mocotó, o pão comprado ali mesmo na tendinha. Detestava a voz alta e forte da mãe, as rezas de Vó Lidumira, os cuidados das tias e os olhares curiosos das irmãs. (EVARISTO, 2018, p. 94-5, grifos nossos).

Pode-se perceber que o sentimento de alívio de Kimbá está associado ao seu distanciamento do morro e de sua história de vida, seu desvio de ser Zezinho. Ainda no primeiro parágrafo, é colocado para o leitor que o nome Kimbá foi dado por seu amigo:

Antes, ele fora também Zezinho. Kimbá foi o apelido que um amigo rico, viajado por outras terras, lhe dera. O amigo notou a semelhança dele com alguém que ele havia deixado na Nigéria. Então, para matar as saudades que sentia do amigo africano, rebatizou Zezinho com o nome do outro. O brasileiro seria o Kimbá. Zezinho gostou mais do apelido do que do próprio nome. Sentiu-se mais em casa com a nova nomeação. (EVARISTO, 2018, p. 93).

A renomeação de Zezinho e seu conseqüente sentimento de conforto exemplificado pelo termo “sentir-se em casa”, somado ao seu ódio por suas raízes e alívio ao se afastar destas, se relacionam a ideologia do branqueamento. Esta se

associa ao violento processo de socialização que naturaliza, de forma velada e internalizada, uma superioridade branca e concomitante inferioridade negra.

Virgínia Bicudo (2010) estabeleceu relações entre o processo de branqueamento com uma busca por uma maior aceitação social. Ela percebeu o conflito existente entre o processo de assimilação em direção à ideologia branca e a real aceitação da situação racial. Para a psicanalista, a cansativa e desgastante busca por uma incorporação na cultura dominante, fez com que o indivíduo negro mudasse os pontos de vista referentes a si.

O racismo, assim como o classismo, é fruto de medidas separatórias cujo principal intuito consiste em facilitar a exploração da classe trabalhadora. Marginalizados, indivíduos negros e pobres são inseridos em subempregos “cujas relações de trabalho evocam as mesmas da Escravocracia.” (NASCIMENTO, 2007b, p. 129). Kimbá carrega em seu corpo e história, o peso do racismo.

Não via nada de bom acontecer com ela ou com a família. A avó nascera de mãe e de pai que foram escravizados. Ela já era filha do “Ventre Livre”, entretanto vivera a maior parte de sua vida entregue aos trabalhos em uma fazenda. A mãe e as tias passaram a vida se gastando nos tanques e nas cozinhas das madames. As irmãs iam por esses mesmos caminhos. E ele, ele mesmo, estava ali, naquele esfrega-esfrega de chão de supermercado. (Evaristo, 2018, p. 98).

Em uma busca por alívio e aceitação como forma de se desvincular ao seu sentimento de inferioridade, Kimbá estabelece uma relação íntima com o amigo que o “rebatizou”: Gustavo. Em uma noite, este o apresenta a Beth e os três iniciam uma relação nutrida em desejos, vergonha e satisfação.

Tinha *vergonha* e *desejos* por todo o corpo [...] quando se percebeu novamente, estavam os três deitados no chão. O homem calmo, *satisfeito* como ele e a mulher. E só então, se viu e sentiu nu. Comparou o negrume de seu corpo com a alvura dos corpos dos dois. Achou tudo muito bonito. (Evaristo, 2018, p. 96-7, grifos nossos).

Kimbá então se apaixona por Beth, personagem branca rica e fina, o que a torna “diferente” de todas as mulheres na qual ele já havia se relacionado. O desejo

e a paixão que sentia por ela, estão adjuntos ao processo de assimilação do personagem e sua concomitante busca por igualar-se ao branco através de *status*, processo no qual as mulheres se tornam alicerce.

É possível perceber pelas entrevistas realizadas por Bicudo (2010) que negros e mulatos preferiam se casar com mulheres cujos traços fossem mais claros que o seu, enquanto negras e mulatas se casavam com homens da mesma cor ou mais escuros. A ideologia do branqueamento, portanto, atravessa relacionamentos, temporalidades, padrão de beleza e escolhas conjugais, sendo as mulheres negras as mais prejudicadas.

Convivendo em uma sociedade plurirracial, que privilegia padrões estéticos femininos como ideal de um maior grau de embranquecimento (desde a mulher mestiça até à branca), seu trânsito afetivo é extremamente limitado. Há poucas chances para ela numa sociedade em que a atração sexual está impregnada de modelos raciais, sendo ela representante da etnia mais submetida. (NASCIMENTO, 2007a, p.129).

Kimbá, Gustavo e Beth se inserem em um triângulo amoroso marcado pelo ciúme e paixão que Beth sentia por Kimbá, desejo e amor que Gustavo nutria por Kimbá e a mistura entre vergonha e paixão de Kimbá por Beth. Essa confusão de sentimentos trouxe conflitos para os personagens, que se depararam com um dilema:

Tinham colocado o dedo na ferida. Beth estava apaixonada por ele. Ele estava apaixonado por Beth. O amigo estava apaixonado por ele. Estavam tentando viver. Beth tinha dinheiro. O amigo, dinheiro e fama. Kimbá, a noite e o dia. A decisão seria, portanto, de Kimbá, que não tinha nada a perder. Só a vida. Era só ele querer. Já que não estava dando para viver, por que não procurar a morte? Seria fácil. Primeiro Beth, depois o amigo e em seguida ele. A morte selaria o pacto de amor entre eles. A morte pelo amor dos três. (EVARISTO, 2018, p. 100).

A decisão final, ficando a cargo de Kimbá, foi a morte. Sua escolha e seu processo de assimilação foram sua forma de encontrar alívio, diante de todo ódio e dor que sentia.

Beth e Gustavo já estavam deitados no chão à espera do mais nada. Kimbá procurou algum motivo de vida. Os amigos estavam na quase morte. Sorveu de uma única vez a sua porção e se deitou ali no meio, para esperar com eles também. (EVARISTO, 2018, p. 101).

Kimbá não encontrou motivos para os quais viver, livrou-se de ser Zezinho. Seu suicídio não deve ser analisado somente através de uma perspectiva psicopatolizadora ou individualista, mas sim como resultado de um racismo estrutural que se insere na sociedade brasileira. Dados da cartilha Óbitos por Suicídio entre Adolescentes e Jovens Negros, lançada pelo Ministério da Saúde (MS) em 2018, mostram que adolescentes e jovens negros têm maior chance de cometer suicídio no Brasil. O risco na faixa etária de 10 a 29 anos foi 45% maior entre jovens que se declaram pretos e pardos do que entre brancos no ano de 2016, sendo negros do sexo masculino os que mais se suicidam.

A socialização masculina, inserida em uma sociedade patriarcal e misógina na qual o homem deve se comportar de maneira oposta ao que se entende como mulher, incentiva comportamentos que representem dureza e força, além de um silenciamento compulsório em que sentimentos são mascarados. A não verbalização de sentimentos e emoções, munidos de violências racistas cotidianas que intensificam um sofrimento avassalador, se tornam importantes fatores de análise para uma maior compreensão desse problema de saúde pública multifatorial: o suicídio. Em 2012, a taxa de mortalidade por suicídio entre adolescentes e jovens negros aumentou 12%, alcançando 5,88 óbitos por 100 mil em 2016. A taxa de mortalidade por suicídio entre os brancos permaneceu estável no mesmo período de tempo.

Norbert Elias (1990), em suas análises sobre o processo civilizador, apontou que a noção de descrição como resultado da privação da subjetividade, assim como as ideias de orgulho e vergonha, podem ser consideradas como emoções fundamentais na microfundação do social. A vergonha internalizada por Kimbá estampa uma eficaz agência de autocontrole e autoeliminação, que se apresenta tanto de forma consciente quanto inconsciente.

Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos:

O conto de Zaíta apresenta 3 personagens femininas como principais: Zaíta, sua irmã gêmea Naíta e a mãe Benícia. As 3 moram juntas em um barraco na favela, junto com dois irmãos das meninas. A inserção da personagem Zaíta no conto se dá a partir da procura por sua afetuosa figurinha-flor, situação central pela qual a narrativa se entrelaça. A figurinha era objeto de disputa entre as irmãs, e, uma vez perdida, Zaíta se empenha em encontrá-la. A personagem busca incansavelmente por sua irmã Naíta, que supostamente a teria pego. Percebe-se que a figurinha possui um grande valor simbólico para a criança; ela carrega seu sentimento de infância.

O conto não está voltado para a perspectiva da literatura infanto-juvenil, no entanto, a narrativa remonta acontecimentos nas vidas de suas personagens centrais, as crianças e suas vivências:

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor o minúsculo quadro. A irmã de Zaíta há muito tempo desejava o desenho e vivia propondo uma troca. Zaíta não aceitava. A outra, com certeza, pensou Zaíta, havia apanhado a figurinha-flor. (EVARISTO, 2018, p.75).

O primeiro sentimento referido à mãe de Zaíta é através da suposição da menina que, se ela fosse conversar com a mãe sobre seu conflito, Benícia ficaria com raiva e bateria nelas. Sua raiva é recorrente durante a narrativa, quando a criança se refere à mãe em suas preocupações e quando o narrador nos mostra os pensamentos de Benícia.

Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com *raiva* e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas, acabando de vez com a coleção. [...] A menina se lembrou da mãe e da *raiva* que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse [...]. A preocupação anterior se transformou em *raiva*. Que merda! Todos os dias tinha que falar a mesma coisa! [...] a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão e de *raiva* ela havia arrebitado aquela bonequinha negra, a mais linda... (EVARISTO, 2018, p.75, 76, 77 e 78, grifos nossos).

Os sentimentos proeminentes de Benícia, relacionados com sua história de vida e processo de socialização, estão diretamente ligados às formas de punição violentas que utilizava na “educação” com seus filhos. O fenômeno da violência é multifatorial, assim como a braveza e a raiva da personagem, trazido na narrativa: “Ela ficava brava quando isto acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo.” (EVARISTO, 2018, p.76).

Benícia, assim como Kimbá, é uma personagem que carrega o peso do racismo. Ela carrega consigo um intenso cansaço, emoção também observada em outros moradores da favela em que viviam.

A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais.[...] Estava *cansada*, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. [...] via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de *cansaço* apenas. (EVARISTO, 2018, p. 76, 79 e 78, grifos nossos).

Há, no Brasil, uma divisão classista, sexual e racial de trabalho. Os indivíduos negros, grande maioria nas periferias, foram e têm sido objetificados e desumanizados, processo de ordem social que facilita a exploração e sexualização de seus corpos. Lélia Gonzalez (1984), define o Brasil como uma “região de capitalismo patriarcal-racista dependente” (p. 17) que transforma diferenças em desigualdades com o intuito de facilitar a dominação-exploração da classe trabalhadora. Ao serem inseridas no proletariado afro-latinoamericano brasileiro, mulheres negras sofrem um triplo processo de opressão; por serem mulheres, pobres e negras. (GONZALEZ, 1988).

Beatriz Nascimento (2007b) considera a mulher negra o principal elemento no qual a estrutura de dominação se estabelece, inclusive no âmbito trabalhista, sendo a ela atribuídos cargos similares aos que ocupava na sociedade colonial. Esse

processo se mantém até hoje através de hierarquias racistas e sexistas que acabam minimizando oportunidades de ascensão social para mulheres negras, contribuindo para o seu processo de marginalização física e social.

Concomitante a esse processo de marginalização e inserção em trabalhos manuais, como mãe solteira, cabe a mãe de Zaíta o encargo do cuidado com os filhos e a organização da casa, contribuindo com seu desgaste físico e mental. Além disso, a falta de recursos e a trajetória de um de seus filhos rumo à marginalidade trazem grandes preocupações.

A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguiria comprar quase nada. Estava *cansada*, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. [...] Havia também o aluguel, a taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco. (EVARISTO, 2018, p.79 e 80, grifos nossos).

Associado à dificuldade de empregos rentáveis que a população negra possui, está o tráfico infantil, assunto também trabalhado no conto “A gente combinamos de não morrer” do mesmo livro. O filho de Benícia traçava seu caminho nos becos desde criança.

Queria uma vida que valesse a pena. Uma vida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. O pai dele e do irmão mais velho gastava seu pouco tempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nunca trazia o bolso cheio. [...] Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter *coragem*. Só dominar o *medo* e ir adiante. (EVARISTO, 2018, p.77 e 79)

O menino, imerso em evidentes situações de perigo, sente medo. Entretanto, seu esforço por conseguir *status* e reconhecimento em um espaço marginalizado, valia mais do que sua própria vida. Ele busca coragem, diante do medo e aflição que o cercam.

O sentimento de medo também incide em Benícia e Zaíta, conseqüentes de sua preocupação com o menino.

Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos *aflitos*. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa [...] Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois escutou os passos apressados do irmão que entrava. Ela se achegou mais para junto da mãe. A irmã dormia. A mãe se mexeu na cama várias vezes; em um dado momento sentou assustada, depois se deitou novamente cobrindo-se toda. O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha *medo*, muito *medo*, e a mãe lhe pareceu ter passado a noite toda acordada. (EVARISTO, 2018, p.76 e 77, grifos nossos).

Entre as vivências de Benícia e seu filho apresentadas para o leitor, Zaíta segue sua trajetória em busca da figurinha-flor. Ela a procura em sua caixa de brinquedos e, entre mágoa e desesperança de encontrá-la, sai em busca de Naíta a quem atribuía a culpa pelo sumiço da figurinha, rumo às casas próximas, contrariando a ordem da mãe de manter-se perto. Benícia, ao se deparar com os brinquedos desarrumados no chão, sentiu raiva e gritou, fazendo com que Naíta, que estava em uma residência próxima, aparecesse. A menina foi recebida com violência pela mãe e saiu do barraco em busca da irmã para contar-lhe duas tristezas:

Havia perdido uma coisa que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão e de raiva ela havia arreventado aquela bonequinha negra, a mais linda... (EVARISTO, 2018, p.80-1).

Durante o desencontro das irmãs, Zaíta se afastava cada vez mais de seu lar, distraída buscando em seus pensamentos seu primeiro contato com sua figurinha-flor. A criança não consegue lembrar onde havia adquirido aquele significativo objeto, caminhando lentamente para seu trágico fim.

Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e

mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. (EVARISTO, 2018, p.81)

Sua irmã, carregada de sentimentos, ao deparar-se com o corpo de Zaíta, compartilha suas tristezas: “[...] assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: - Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos!” (EVARISTO, 2018, p. 81).

É possível observar que os sentimentos retratados no conto, assim como as experiências das personagens, são influenciados pelas condições socioambientais nas quais os indivíduos estavam inseridos. O recorrente medo, cansaço, tristeza, aflição e raiva das personagens, são sentimentos que remetem a um estresse e uma ansiedade muito grande, são resultantes do contexto em que estão inseridas e influenciam diretamente em sua saúde mental. A morte de Zaíta encerra a narrativa como a máxima anunciação de desigualdade e hipocrisia, expondo a crueldade da nossa sociedade racista, capitalista e sexista, onde a criança negra não possui centralidade.

Evaristo nos traz neste conto a possibilidade de pensar a infância de maneira plural, pois convida o leitor a refletir na concepção do que é o universo infantil para além da inocência, do paraíso perdido, dos brinquedos coloridos, e dos bancos escolares normatizadores. Zaíta e Naíta são crianças moradoras de uma favela, não têm os mesmos brinquedos coloridos de uma criança branca e de classe média, sim bonecas incompletas, chapinha de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados.

As crianças se configuram de diversas maneiras, ora representam o aspecto fantasioso e “ingênuo” de observação do mundo, ora estão inseridas no contexto da violência que a situação racial e social brasileira as insere. Ao trazer o tema para o centro da narrativa, Conceição Evaristo fornece a possibilidade de o leitor observar as transformações como a representação da criança negra é ainda muito problemática.

Deste modo, houve uma valorização das vivências infantis, pois a narrativa confere essa possibilidade, e nos permite adentrar em episódios pouco frequentados na análise da literatura brasileira. Anderson Mata (2015), aponta que é comum que ao lado de uma crítica social ou de uma descrição dos costumes exista uma

tensão simbólica ou alegórica, que posiciona a infância como um “significante relacionado a múltiplos significados”. O que seria uma herança do pensamento romântico, pois nessa perspectiva a personagem infantil carrega o fardo de representar a inocência ou a sabedoria, ou o novo ou a promessa de futuro, ou a combinação dessas variáveis. Esse movimento, conforme Mata (2015) ao mesmo tempo que pode levar ao esvaziamento da dimensão política do texto que daria como a crítica, articulada pela tematização, do lugar social da infância, pois a representação desta fase da vida por Zaíta e Naíta, não seria aquela atrelada ao desenvolvimento psicológico individual da criança, sim é discutida em sua trajetória histórica, social, política e cultural.

Aramides Florença:

Na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, Evaristo provoca o leitor com o título, tratado as lágrimas das mulheres que apesar de lágrimas, são insubmissas, ou seja, que não se sujeitam, se rebelam, desobedecem e são insubordinadas. As histórias traçam escrevivências, e ecoam vozes e sentimentos de mulheres que muitas vezes foram sufocados. A autora realiza uma recolha de testemunho e constrói uma espécie de diário de viagem (Cruz, 2012), que permite ao leitor o ingresso na intimidade de cada personagem, “ouvindo” suas minúcias dramáticas e psicológicas. Constância Duarte (2010), aponta que há na trajetória do conto da literatura brasileira de autoria feminina, duas formas de representação da violência de gênero, em uma, a canônica e tradicional, predominam autoras brancas que privilegiam a “violência simbólica”. Na outra dimensão, há as autoras não canônicas que insurgem na contemporaneidade e trazem a violência física cotidiana sofrida por mulheres, como por exemplo o estupro, o abordo e o espancamento.

O conto “Aramides Florença”, assim como todos os outros do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* se inicia através do encontro da personagem com a narradora, que a observa sentada com uma criança no colo: Emildes Florença. O bebê balbuciava algo que se assemelhava a uma alegre cantiga, comportamento que se repetia desde que seu pai havia partido. Ao contar para a

narradora o começo de sua história com o “pai do meu filho”, Aramides retrata a constante felicidade de ambos.

Florença tivera uma gestação *feliz* [...]. Foram *felizes* no namoro. E mais *felizes* ainda quando resolveram ficar juntos. (...) Sentindo-se bem-aventurados, se rejubilaram quando o exame de urina deu positivo. Desde então, os dois grávidos mais *felizes* prometeram ser, para repartirem a *felicidade* com a criança que estava por vir. (Evaristo, 2016, p. 11, grifos nossos)

É importante ressaltar a grande recorrência do sentimento de felicidade aparece na primeira parte da narrativa, no começo do relacionamento do casal. Aramides e seu companheiro esperavam ansiosamente pela futura criança ainda em seu ventre, fazendo cerimônias com amigos que tentavam adivinhar qual seria o sexo biológico da criança. Entretanto, um suposto incidente rompe essa alegre constância, trazendo uma dolorida inquietação. Certa vez, Aramides, enquanto deitada em sua cama na companhia do pai de seu filho, havia sido perfurada com uma lâmina de um aparelho de barbear justamente onde jazia sua criança. O sentimento de felicidade será substituído pelo de dor.

Um dia, algo *dolorido* no ventre de Aramides inaugurou uma perturbação entre os dois [...] com dificuldade para se erguer, ela gritou de *dor*. [...] O homem, pai do filho de Aramides Florença não soube explicar a presença do objeto ali. Talvez tivesse sido na hora em que ele foi preparar a cama dos dois...talvez ele estivesse com o aparelho na mão. Talvez... Quem sabe... (Evaristo, 2016, p. 13, grifos nossos)

Na noite seguinte, enquanto sua ferida ainda cicatrizava, seu ventre sofreu uma nova agressão.

Pelo espelho, viu o seu homem se aproximar cautelosamente. Imaginou o abraço que dele receberia por trás. Fechou os olhos e *gozou* antecipadamente o carinho das mãos do companheiro em sua barriga. Só que, nesse instante, gritou de *dor*. Ele, que pouco fumava, e principalmente se estivesse na presença dela, acabara de abraça-la com o cigarro aceso entre os dedos. Foi um gesto tão rápido e tão violento

que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides. (Evaristo, 2016, p.14, grifos nossos)

Observa-se que a cena retratada consta uma mistura de sentimentos, a expectativa do prazer, do desejo e do gozo, que haviam sido sempre bem recebidos na companhia do homem, agora traziam um novo sentimento: *a dor*.

Há um constante julgamento a ser enfrentado por mulheres em situação de violência, principalmente quando continuam a se relacionar com o agressor. Torna-se, portanto, de extrema importância a percepção de que relacionamentos não são inteiramente ruins ou bons. A não existência dessa dicotomia no conto se relaciona diretamente com a realidade, sendo exemplificada pela intensa felicidade, desejo e prazer do casal no início da relação, enquanto, ao decorrer da narrativa, e do relacionamento, o sentimento de dor torna-se o mais retratado.

Em uma tentativa de realizar uma breve análise do fenômeno de violência doméstica que Aramides em uma mistura de sentimentos passou a enfrentar, é necessário a compreensão do que a psicóloga Lenore Walker (1979) denomina de Ciclo de Violência.

De acordo com o art. 5º da Lei Maria da Penha (2006), violência doméstica e familiar contra a mulher é “[...] qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Para Walker (1979) o ciclo de violência doméstica se apresenta em 3 fases que se repetem até a quebra do ciclo, que pode ser facilitada com intervenções jurídicas e psicológicas. É importante ressaltar que esse ciclo não exemplifica apenas relações heteronormativas.

A primeira fase é denominada pela psicóloga de *acumulação da tensão*, onde as primeiras violências são observadas. Ela é marcada por uma escalada gradual da violência, que inicialmente pode ser apresentada como ameaças e xingamentos, que permeiam um ambiente de tensão e hostilidade. Violências psicológicas e morais, muitas vezes justificadas por ciúmes, são observadas em tentativas de controlar o comportamento da mulher, que é punida quando desvia de uma conduta patriarcal considerada padrão pelo companheiro.

Este acúmulo de tensão “estoura” na segunda fase, denominada de *descarga da violência*, na qual violências, sejam elas físicas, sexuais ou psicológicas, ocorrem com maior intensidade. Estas se tornam cada vez mais graves a cada “volta” no ciclo, podendo culminar em feminicídio.

O homem então geralmente se mostra arrependido e busca justificativas para sua agressão, comportamento integrante da terceira fase do ciclo, também denominada de *período de lua de mel*. Nela, o agressor costuma tratar sua companheira com extrema ternura, geralmente se desculpa pelo ocorrido e faz promessas de mudança, com o intuito de compensar a agressão desferida por ele. Ele pode se comportar de forma insistente e objetiva a reconciliação e, algum tempo após esta ser alcançada, a tensão volta e o ciclo recomeça, cada vez mais rápido e mais violento.

A mulher, socializada em uma sociedade patriarcal na qual acaba internalizando sua suposta inferioridade, processo que pode se tornar mais intenso ao depender de sua cor de pele e classe, aprende que apenas encontrará sua validação através de olhares masculinos. Estes e muitos outros ensinamentos patriarcais e moralistas a torna mais propensa a acreditar na falsa promessa de mudança de seu companheiro.

Vai recobrir a mulher a moral totalizadora, seja enquanto agente ou enquanto submetida. Revestir-se-á de fantasias, de sonhos, de utopia, de eroticidade não satisfeita e estagnada pela condição específica da sua arquitetura física e psicossocial. Dentro desse arcabouço qualquer expressão do feminino é revestida pela instituição moral. Representa em si a desigualdade caracterizada pelos conflitos entre submissão x dominação; atividade x passividades, infantilização x maturação. A contrapartida a esse estado de coisas coloca a mulher num papel desviante do processo social, onde a violência é a negação de sua auto-estima. (NASCIMENTO, 2007a, p.127).

O bom comportamento de seu companheiro e o suposto esquecimento da personagem exemplificam a passagem de Aramides pelo período de lua de mel, logo após o nascimento do filho. Cabe ressaltar seu sentimento de felicidade ao estar

em suposta harmonia com sua família, em oposição às dores que tentava esquecer, criando justificativas para o comportamento violento do homem.

Mãe, pai e filho *felizes*, no outro dia, deixaram o hospital. Sagrada a família! - o homem repetia cheio de júbilos a louvação de sua trindade: ele a mulher e o filho. Os primeiros dias foram só solicitude de parte dele. Tanto era o desvelo, tanta era a água trazida na peneira, que Aramides, a rainha-mãe, esqueceu por completo as *dores* e a tênue desconfiança vividas anteriormente. Na deslembração, ficou dissimulado o *doer* da lâmina na cama a lhes resfolegar na barriga. E a *dolorosa* ardência do cigarro aceso esmagado em seu ventre também buscou se alojar em esquecimento. Tudo tinha sido atordoamento de alguém que esperava pela primeira vez a sensação de paternidade. Com certeza, tudo tinha sido atrapalhação de marinheiro de primeira viagem. (Evaristo, 2016, p.15, grifos nossos).

Para bell hooks, diferenciando-se do conceito de Walker, o ciclo de violência que homens e mulheres negros chamam atenção começa na esfera pública, local em que homens enfrentam explorações trabalhistas e violências institucionais racistas que são posteriormente reprimidas.

O "ciclo de violência" que começa com o abuso psicológico no mundo público em que trabalhadores homens podem ser submetidos ao controle por um chefe ou figura de autoridade de um modo humilhante e degradante. Como depende do trabalho para a sobrevivência material ele não faz greve nem se opõe ao empregador, já que ele o puniria retirando deste o emprego ou enviando-o para a cadeia. Ele reprime essa violência, aliviando-se naquilo que eu chamo de "controle" da situação, uma situação em que ele não necessita temer retaliações, em que não necessita sofrer as consequências de sua ação violenta. A casa geralmente é o lugar que propicia essa situação de controle, e o alvo desses abusos costuma ser a mulher. (HOOKS, 2019. p.181).

Por aceitarem a exploração do trabalho, os homens são recompensados pelo senso de poder e autoridade dentro de seu ambiente familiar. "Ao aceitar e perpetuar a dominação dos homens sobre as mulheres, a fim de evitar a rebelião no trabalho, os capitalistas, que ditam as regras, se certificam que a violência

masculina será exercida em casa e não no trabalho" (HOOKS, 2019, p.180). E as mulheres negras, por terem a sensação de que violências estarão presentes em todas as suas relações pessoais, estão mais inclinadas a aceitar abusos em situações nas quais existe algum tipo de recompensa.

Outro aspecto necessário para uma maior compreensão dessa multifatorial forma de violência está na naturalização de comportamentos violentos, principalmente advindos por homens. Para bell hooks (2019), há na nossa sociedade, uma equiparação entre violência e amor, na qual desde a infância, atos de violência são vistos como de cuidado. Há uma enganosa equiparação de amor com ciúme, controle e posse; a mulher passa a ser uma propriedade de quem a domina, seu companheiro. No conto, o ciúme exacerbado do pai do seu filho é observado por Aramides, cujo comportamento causa medo à personagem.

Passadas as duas primeiras semanas, uma noite, já deitados, o homem, olhando para o filho no berço, perguntou a Aramides quando ela seria dele, só dele. A indagação lhe pareceu tão despropositada, que ela não conseguiu responder, embora tenha percebido o tom ciumento da pergunta. [...] Cenas mais ou menos semelhantes voltaram a acontecer entre os três várias vezes. Um *medo* começou a rondar o coração e o corpo de Aramides. (Evaristo, 2016, p. 16, grifos nossos).

Para Saffioti (1987), o homem na posição hierárquica que ocupa, leva em consideração seu próprio desejo apenas, considerando a mulher como objeto de posse. Para a autora, o estupro é o caso extremo de uso de poder em uma relação homem-mulher. Nele, o homem prova sua capacidade de submeter a outra parte, aquela que é inferior e não possui direito de desejar algo. A última e dolorosa violência que Aramides sofre por seu companheiro é o estupro.

E dessa forma o pai de Emildes me violentou. E em mim, o que ainda *doía* um pouco pela passagem de meu filho, de *dor* profunda sofri, sentindo o sangue jorrar. [...] Nunca a boca de um homem, como todo o seu corpo, me causara tanta *dor* e tanto asco, até então. E, inexplicavelmente esse era o meu homem. (EVARISTO, 2016, P.17, grifos nossos).

É preciso ressaltar que uma sociedade patriarcal, racista e capitalista legitimiza a violência contra a mulher em suas muitas formas, sendo um fenômeno social que é reproduzido em diferentes espaços, sobretudo dentro da esfera privada. Aramides, mulher e negra retratada no conto, é violentada diversas vezes por seu companheiro que em seu último ato a estupra e a abandona com o filho de ambos. Seus sentimentos intercalados de felicidade, dor, gozo e medo exemplificam a complexidade da situação. Entretanto, após o término da relação, Aramides consegue estabelecer uma boa relação com seu filho, situação que propicia conforto e felicidade para ambos.

Alguns dados como taxa de homicídio no Brasil, nos situam sobre a grande vulnerabilidade na qual a mulher negra se encontra. De acordo com o Mapa da Violência de 2015, a taxa de homicídio entre as mulheres brancas teve uma redução de 11,9% entre 2003 e 2013. Já entre as mulheres negras, no mesmo período, houve um aumento de 4,5 para 5,4 por 100 mil, um crescimento de 19,5%. As mulheres negras são as que mais sofrem homicídio.

Regina Anastácia:

O último conto do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, retrata a história de amor de Regina Anastácia, uma mulher negra que, assim como Aramides e outras 12 mulheres, é visitada pela narradora. Ambas se debruçam na história de Regina, que relata que sua família havia se mudado nos anos 20 para Rios Fundos, cidade cuja principal economia era a extração de pedras preciosas. A mulher conta que uma família latifundiária e branca do Duque D’Antanho se impunha como dona da cidade, que possuía herança de capitania hereditárias. Em Rios Fundos, essa família disfrutava de muito mais renda e privilégios do que a de Regina, que havia se mudado com sua família para a cidade em busca de melhores condições de vida.

A maioria dos habitantes da cidade trabalhava para a família D’Antanho. Fatores como o tom de pele dos trabalhadores, o serviço manual que executavam e o tipo de moradia em que viviam remetem a situações de subalternidade e servilismo de um Brasil colonial. Os “donos da cidade” eram brancos, possuíam

todos os comércios da região e residiam no centro de Rios Fundos, enquanto os trabalhadores exerciam funções braçais e moravam em condições precárias nas margens da cidade ou dentro da própria residência dos D'Antanho.

Regina conta que uma vez, ainda pequena, foi levar uma encomenda para a residência principal e lá deparou-se com um menino da sua idade, neto dos D'Antanho, pelo qual se apaixonou à primeira vista “paixão primeira e única da minha vida e da dele também.” (Evaristo, 2016 p.132). Ao levar a encomenda, Regina passou a tarde com suas tias e foi recebida com muita estima, visto que ambas dormiam na residência dos D'Antanho, buscava “tempo de ficar com elas e matar saudades” (Evaristo, 2016 p.133). A patroa Dona Laura D'Antanho, por outro lado, não havia cumprimentado a menina ou agradecido pela entrega, provavelmente devido a sua cor e classe serem socialmente inferiores aos da Madame.

A mãe de Regina Anastácia, ao contrário do resto de sua família, havia se recusado a trabalhar para os D'Antanho e havia, com muita dificuldade e ajuda da filha, montado uma padaria em sua própria residência que acabou fazendo sucesso na cidade. Poucos dias após a inauguração, o neto da Dona Laura, mais conhecido como o amor de Regina, apareceu para comprar alguns pães, representando a primeira vez que um D'Antanho havia frequentado bairros mais afastados. Quando Regina o viu, foi “tomada por uma *alegria* intensa mas ao mesmo tempo *tristeza* que me avisava de um pressentido perigo” (Evaristo, 2016 p. 136). Ao perceber a confusão de sentimentos da filha ao ver o rapaz, sua mãe chamou-a para conversar.

Os moços brancos incentivados pelas famílias, conservam os hábitos ainda dos tempos de escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que agora o tempo havia mudado. O jogo mais comum era a sedução. Entretanto, havia aquelas que eles tomavam a força o corpo da empregada que trabalhava com eles. (Evaristo, 2016, p. 137).

A conversa de Regina com sua mãe exemplifica as violências sexuais que muitas mulheres negras sofreram no período colonial e mostra como muitas ainda eram tratadas como um objeto hiperssexualizado a ser tomado. Esse processo de

hiperssexualização é retratado por Lelia Gonzalez (1984), quando desmistifica os estereótipos atribuídos a mulheres negras que são reduzidas às figuras de mulata, empregada doméstica e mãe preta.

Quando mulata, no Carnaval, é convidada a sair do âmbito privado e representar a beleza da cultura brasileira com seu corpo à mostra: sexualizado, desejado e objetificado. Passado esse momento de exaltação, o desejo torna-se violência e ela volta para o âmbito domesticado contextualizado pelo seu papel de passividade e inferioridade, justamente na figura da empregada doméstica (GONZALEZ, 1984). A mãe preta, por outro lado, é vista como figura amável e passiva que aceita as violências perpetradas contra ela.

Jorge D'Antanho, entretanto, nutria um sentimento de paixão por Anastácia e havia a proposto em namoro. Sua família não reagiu bem a situação, mesmo a família com a ascendência do mercadinho de Regina e sua mãe. Como ressalta Bicudo (2010), por mais que uma pessoa negra tenha ascendência econômica, suas marcas e traços negros ainda estarão presentes e ela sofrerá por isso.

Jorge foi espremido contra a parede, que ele parasse logo com a história de namoro, que fizesse comigo o que quisesse, que montasse para mim uma casa, mas que não espalhasse essa ideia de namoro, de compromisso. Eu não era moça para tais propósitos. (Evaristo, 2016, p.138).

Há um ditado popular brasileiro que ainda reflete o papel atribuído a mulher negra no Brasil “Branca para casar, mulata para fornicar e preta para trabalhar”. A não aceitação dos D'Antanhos do namoro de Jorge com uma mulher negra, é uma reprodução do racismo e ideologia o branqueamento que trouxe muitos sofrimentos para o casal e familiares de Regina. A não aceitação de Regina pela família de Jorge, está ligado a práticas higienistas que consistem em um branqueamento da população. Os D'Antanho não consideram plausível a presença de uma mulher negra em sua família.

A guerra em minha casa foi suave, eu tinha de convencer os meus de que Jorge D'Antanho me respeitava e que eu não era nenhuma menina sem malícia, para perceber as más intenções dele, caso ele tivesse. Guerra pior, *dolorosa*, ia ser declarada na cidade fechada. Meus inimigos eram os D'Antanho e Jorge, sem meias

medidas, enfrentou a família, que reagiu logo. Dispensou as minhas tias que trabalhavam com eles, acusou uma de roubo; deram até queixa na polícia. (Evaristo, 2016, p.139, grifos nossos).

A família de Regina sofreu diversas violências racistas desferidas pelos D'Antanho. O casal resistiu à dolorosa guerra, tendo a mulher acolhido Jorge em sua família. O sentimento de paixão dos dois durou por anos a fio e o casal cinco filhos. Ao finalizar seu relato, Regina compartilha com a narradora que o homem já havia morrido há 10 anos e que ela ainda nutria esperanças de reencontrá-lo.

Jorge, o moço mais bonito que eu já conheci, estava aqui, até 10 anos passados. Dizia que eu era a eterna rainha dele. Eu acredito, pois ele era meu rei. Um dia, logo após o sol se por, ele se foi... Eu espero, sem pressa alguma, a hora do meu poente... (Evaristo, 2016, p.140).

Em um conto mais leve que não deixa de ser marcado pelo racismo, Conceição Evaristo nos mostra, através de uma mulher negra, que o amor é possível. Como diz a narradora no início do conto, Regina Anastácia era merecedora de toda reverência possível, pois ao se anunciar, anunciava também a presença de Rainha Anastácia frente a frente com ela e compartilhando toda sua ancestralidade e ao mesmo tempo uma história de amor que é sim romântica, fugindo dos estereótipos de vida amorosa fadada ao fracasso, ou ao processo de sexualização de seus corpos e negação de sua atuação enquanto sujeito político e sujeito de sua própria narrativa, como muitas vezes se atribuí às histórias de vida da mulher negra. Além disso, Regina e a mãe não se tornaram empregadas da casa grande da família D'Antanho, elas trabalhavam por conta própria, novamente a narrativa oferece outras possibilidades de vivências e experiências profissionais à essas mulheres.

Considerações finais

Conceição Evaristo, por meio de sua literatura, tem a capacidade de nos mostrar a materialidade da estrutura de exploração e opressão racista, patriarcal e capitalista na qual estamos inseridos, ao mesmo tempo em que nos mostra formas de resistir a esses avanços. O protagonismo de mulheres negras por meio de uma

literatura acessível e sensível, ao mesmo tempo em que mostra um processo de resistência e de autodeterminação, nos traz incômodos e desmistifica a condição de subalternidade das personagens. Como diria Conceição Evaristo, “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2007, p.21).

Descrever a relação entre violência e racismo sob uma perspectiva sociocultural e, portanto, desnaturalizá-los, oferece potencialidades para questionar, e talvez transformar o modelo hegemônico racista e estrutural. A arte possui um grande potencial transformador, entretanto, não pode ser vista como um fim em si mesma, mas sim, como norteadores para uma ação coletiva reestruturadora. Como apontou Antonio Candido (2004), a literatura pode incutir em cada um de nós o sentimento de urgência para os problemas presentes na sociedade.

A cultura do Atlântico Negro teorizada por Paul Gilroy (2001), cujo caráter híbrido não se encontra circunscrita às fronteiras étnicas ou nacionais, necessariamente deve ser analisada a partir da experiência da escravidão moderna e sua herança racializada pelo atlântico. Essa perspectiva é adotada por Evaristo, que remonta à ancestralidade das personagens para reencenar confrontos entre o pensamento racional, científico e iluminista euro-americano e a perspectiva supostamente primitiva dos escravos africanos pré-históricos, incultos e bárbaros. Nas palavras do autor:

As culturas expressivas desenvolvidas na escravidão continuam a preservar em forma artística as necessidades e desejos que vão muito além da mera satisfação de desejos materiais. Em oposição à superposição do Iluminismo de uma separação fundamental entre a arte e vida, essas formas expressivas reiteram a continuidade entre arte e vida. Elas celebram o enraizamento estético em outras dimensões da vida social. (GILROY, 2001, p. 129).

As narrativas das personagens das obras de Evaristo, e o aprofundamento em suas emoções e sentimentos, são fundamentais para se “inventar, manter e renovar” identidades. Vida e arte estão interligadas na singularidade da existência delas. As vozes, os choros, as dores, as revoltas que foram por muito tempo

sufocadas durante suas trajetórias tomam espaço nessa nova ordem simbólica, e confere a possibilidade de enunciar superações.

Referências

BICUDO, Virgínia L. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, São Paulo, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Óbitos por Suicídio entre Adolescentes e Jovens Negros 2012 a 2016 [Internet]. Brasília, DF; 2019 [citado em 2019 ago. 1]. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf>.

BRASIL, Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CRUZ, Adélcio de Sousa. Conceição Evaristo: insubmissas lágrimas de mulheres. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 39, p. 255-258, 2012.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima et al. *Falas do outro: literatura, gênero, identidade*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p. 229-234.

DUARTE, Eduardo de Assis. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-308, Abril, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: 2007, Mazza Edições.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. de B.; SCHNEIDER, L. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, Editora Universitária UFPB, 2005.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34; Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos AfroAsiáticos, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs. p.223-244. 1984.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

GOMES, Heloísa Toller. Prefácio. EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018, p. 9- 11.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MATA, Anderson L. N. Infância na literatura brasileira contemporânea. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (46), 13-20, 2015.

MIGLIEVICH, Adelia. Sobre “estruturas de sentimentos” e contra-hegemonia em Raymond Williams. Blog do Sociofilo 2016. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2016/09/sobre-estrutura-de-sentimentos-e-contra-hegemonia-em-raymond-williams-adelia.pdf>>

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2007.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kuanza, 2007a.

NASCIMENTO, Beatriz. Mulher negra no mercado de trabalho. In: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Kuanza, 2007b.

PRIORE, Mary Del. Apresentação. PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla B. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna. Coleção Polêmica, 1987.

WASELFISZ, Julio. *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil*. FLACSO Brasília 2015. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf

WALKER, Lenore E. *The Battered Women Syndrome*. Nova Iorque: Harper e Row, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Recebido em maio de 2020.
Aprovado em julho de 2020.